

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ISABELLE SANTIAGO SALES
MYCHAELY DE ARAUJO ROCHA

A EXPOSIÇÃO MUDIÁTICA: UMA REVISÃO SOBRE A RELAÇÃO DA MÍDIA NA
EROTIZAÇÃO PRECOCE DE CORPOS FEMININOS.

RIO BRANCO

2022

**ISABELLE SANTIAGO SALES
MYCHAELY DE ARAUJO ROCHA**

**A EXPOSIÇÃO MUDIÁTICA: UMA REVISÃO SOBRE A RELAÇÃO DA MÍDIA NA
EROTIZAÇÃO PRECOCE DE CORPOS FEMININOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Acre como requisito para a obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Doutora Patricia da Silva.

RIO BRANCO

2022

**A EXPOSIÇÃO MIDIÁTICA: UMA REVISÃO SOBRE A RELAÇÃO DA MÍDIA NA
EROTIZAÇÃO PRECOCE DE CORPOS FEMININOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Acre como requisito para a obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Doutora Patricia da Silva.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Doutora Patricia da Silva. (Orientadora)

Universidade Federal do Acre

Psicóloga Sara Rossiele Nunes Melo (Membro Externo)

Prof^ª. Doutora Maria do Socorro Sales Mariano (Membro Externo)

RIO BRANCO

2022

A EXPOSIÇÃO MIDIÁTICA: UMA REVISÃO SOBRE A RELAÇÃO DA MÍDIA NA EROTIZAÇÃO PRECOCE DE CORPOS FEMININOS.

SALES, Isabelle Santiago
ROCHA, Mychaely De Araújo

RESUMO: O excesso de informações midiáticas está presente em nosso cotidiano de todas as formas possíveis, porém, é comum questionarmos a respeito das mensagens subliminares presentes nas propagandas, os artistas e até mesmo os brinquedos? A mídia tem poder de influenciar o comportamento social? Pensando nos possíveis impactos psicológicos e pautada dentro de um recorte de gênero, o presente trabalho tem por objetivo produzir uma revisão integrativa de literatura sobre a exposição precoce do público infantil feminino aos conteúdos midiáticos erotizados bem como de verificar qual a relação da mídia na erotização precoce do corpo infantil feminino. Ao final constata-se que o gênero feminino sim, está mais exposto a sofrer maiores impactos psicológicos que se associam à erotização precoce. Daí então, a necessidade da psicologia, como uma ciência humana, de fomentar esta discussão da qual, promova o combate à erotização precoce dados os diversos tipos de violências cometidas, sejam estas físicas, comportamentais ou psicológicas.

Palavras-chave: Adultização. Erotização. Feminino. Infantil. Mídia.

**MEDIA EXHIBITION: A REVIEW ON THE RELATIONSHIP OF THE MEDIA
IN THE EARLY EROTIZATION OF FEMALE BODIES.**

SALES, Isabelle Santiago
ROCHA, Mychaely De Araújo

ABSTRACT: The media bombardment is present in our daily lives in every possible way, however, is it common to question about the subliminal messages that carry advertisements, audiovisual artists and even toys? Does the media have the power to influence social behavior? Thinking about the possible psychological impacts and based on a gender perspective, the present work aims to produce an integrative literature review on the early exposure of female children to eroticized media content as well as to verify the relationship of the media in early eroticization of the female infant body. In the end, it appears that the female gender is more exposed and suffers greater psychological impacts that are associated with early erotization. Hence, the appropriate need for psychology, as a human science, to promote this discussion, which, in view of the various types of violence committed, be they physical, behavioral or psychological, must be fought against precocious erotization.

Keywords: Adultization. Eroticization. Feminine. Childish. Media.

INTRODUÇÃO

As estratégias de persuasão na mídia voltada para o consumo têm se apresentado cada vez mais complexas. Com o surgimento da internet, televisão e outras fontes acessíveis de informação e entretenimento, a tecnologia alcança todas as classes e tipos de consumidores, de formas mais diversas e frequentemente sutis. No caso do público infantil, a mídia lança mão de táticas maliciosas para atrair crianças ao consumo de seus produtos e serviços. Percebe-se que o público feminino se torna cada vez mais atingido pelos riscos do consumo cibernético, principalmente em relação a contribuição da mídia na erotização precoce dos corpos de meninas.

As crianças e adolescentes se tornaram sujeitos portadores de direitos apenas no ano de 1989, por meio da Convenção Geral dos Direitos da Criança. No Brasil, por meio da Nova Constituição Federal de 1988, se estipulou perante artigo da lei 227, a doutrina da proteção integral onde família, estado e sociedade têm por dever garantir os direitos de crianças e adolescentes.

Apoiado nisso, nasce em julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por meio da Lei 8.069/90, e das suas aprimorações através da Lei 11.829/09, que visam combater e punir crimes que envolvam a exposição, criação e posse de pornografia infantil e outras condutas relacionadas à pedofilia na internet, a erotização infantil afronta um dos princípios básicos defendidos pelo ECA, o da dignidade humana.

Promover e permitir acesso destes jovens a conteúdos que não condizem com as suas faixas etárias é desrespeitoso e imprudente. Pensando nisso, foi notada a importância de abordar esse tema que consideramos de grande relevância para perceber a relação entre a temática e as configurações sociais.

Para compreender o lugar da infância na sociedade contemporânea, nos remete inicialmente o entendimento das diferentes representações sociais que surgiram no decorrer da humanidade, revisando o processo de construção histórico social do conceito de infância, as significações que envolvem o gênero, a mídia e a exposição, bem como os dispositivos de proteção e as suas implicações jurídicas previstas. O problema de pesquisa deste trabalho é verificar qual a relação da mídia na erotização do corpo infantil feminino.

Portanto, este trabalho estará pautado dentro de um recorte de gênero, onde serão analisados trabalhos acadêmicos que tenham por enfoque a discussão: mídia e o gênero feminino. Dessa forma, por meio desta revisão de trabalhos publicados em língua portuguesa, a intenção do artigo é despertar interesse acadêmico e social para as causas e

efeitos dos conteúdos apresentados pela mídia e refletir sobre como a psicologia pode contribuir para essa discussão.

O PROCESSO HISTÓRICO SOCIAL DA CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA

As correntes de pensamento veiculadas em determinadas sociedades têm a influência na elaboração das representações sociais de diferentes grupos e indivíduos. O surgimento da categoria social de infância foi sendo construída ao longo da história, as mudanças são os impactos da constituição do pensamento social compartilhado. Na Idade Média a criança não era vista como um ser de necessidades diferentes e específicas, era vista como adulto, porém em miniatura, além disso exercia as mesmas atividades e costumes adultos, a exemplo, vestiam-se como tal, “(...) nada, no traje medieval, separava a criança do adulto” (ARIÉS, 1981, p. 70).

No século XII a criança era vista como inferior e incapaz de exercer algo relevante que pudesse contribuir em seu meio social. Por muitos anos as crianças, assim como as mulheres, foram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tratamento diferenciado. A partir do século XIX houve a propagação do vínculo afetivo, que foi considerado e admitido como novo modelo, as crianças alcançaram um tratamento diferenciado oferecido pelas famílias e pela sociedade, Ariés (1981) considera que a “invenção” da infância possui grande influência da burguesia (classe social em ascensão da época).

Nessa perspectiva, houve uma mudança de mentalidades, que possibilitou a valorização da criança em determinados espaços sociais, e fez com que a sociedade burguesa investisse mais na formação desses sujeitos, dando início à noção de infância. Nesse mesmo período as crianças começaram a frequentar escolas, com intuito de desenvolverem maiores conhecimentos e disciplina (ARIES, 1981).

Foi somente a partir do século XX, que a criança passou a ser reconhecida como um ser frágil, em processo de aprendizagem e que necessitava de cuidados assim, aos poucos se constituiu a concepção social de infância que hoje conhecemos. No Brasil essa concepção foi ainda mais tardia, e as discussões só ganharam força através do trabalho da historiadora, escritora e professora, Mary Del Priore que, de acordo com um apanhado realizado por Bezerra; Bezerra e Féres (2014), Del Priore em suma, investigou como o sentimento de reconhecimento da infância, já identificado por Ariés, se fez presente no Brasil Colônia por meio das condutas de missionários jesuítas. Desta forma “a infância,

para estes, era vista como o momento oportuno para a catequese, pois seria o período em que se daria a aprendizagem de princípios e valores que seriam adotados e seguidos por toda a vida” (BEZERRA; BEZERRA; FÉRES, 2014).

Corsino (2008) citando Kramer (1996), aponta que a socialização de crianças e adultos, foi atravessada por fatores culturais, sociais e políticos, como a presença dos povos originários, a escravidão e a migração, bem como o colonialismo e o imperialismo, todos esses fatores contribuíram para traçar esse processo de socialização. Desse modo, quando pensamos hoje no conceito de infância, percebe-se que as crianças são alvo de um enorme valor afetivo e sua educação assume um papel importante. É cada vez mais compreendida como uma fase que precisa de um olhar atento e permanente, pois é um período relevante para o desenvolvimento do ser humano.

SIGNIFICAÇÕES E SEXUALIDADE

Desde seu nascimento, a partir de suas relações com o outro, a criança vai se aproximando das significações socialmente construídas. Segundo Vygotsky (1934), as significações culturais não são dadas geneticamente, o recém-nascido precisa conviver neste mundo social para poder aprendê-las, a partir disso de forma gradual e lenta, a relação do sujeito-mundo se faz através das significações aos objetos da cultura.

A cultura é uma construção histórica, de uma concepção e dimensão do processo social, ela é, portanto, um produto coletivo da vida humana que inclui todo o conhecimento e como esse conhecimento é expresso entre os indivíduos (SANTOS, 1983). Segundo Vygotsky (1934), os instrumentos são as criações que auxiliam no processo de significações por meio da cultura; e os signos são os instrumentos internos, que servem para nos comunicarmos uns com os outros. Através da linguagem humana, é possível construir um campo de significações por meio da cultura entre os seres envolvidos na interação. A linguagem é fundamental quando se fala sobre cultura, pois é ela que atribui sentido a algo, assim na infância “A descoberta que cada coisa tem o seu nome, é percebido a partir do momento que a fala se torna intelectual e o pensamento verbalizado” (VYGOTSKY, 1869-1934, pp. 130 – 131, *apud* FONTES, 1998).

A linguagem e cultura, estão ligadas a identidade, logo, que o indivíduo se identifica com uma determinada cultura quando assimila os elementos culturais e se sente conectado a eles. Quando o filósofo Schopenhauer conclamou que “o mundo é minha representação”, entende-se que mundo ao redor nada mais é do que a verdadeira imagem

da externalidade de acordo com as características históricas próprias de cada sujeito (CERQUEIRA, 2012).

Na socialização a criança constitui valores, crenças e normas que podem ser comuns a todos os membros do grupo com quem ela convive, com a socialização o sujeito pode desenvolver sua personalidade e ser admitido na sociedade. A sexualidade também está ligada à socialização, pois ela é um processo de assimilação de características e hábitos do grupo social que vivemos (CARVALHO, 2009).

A Organização Mundial de Saúde (2002) definiu a sexualidade como “um aspecto central do ser humano durante toda sua vida e abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução.” (AMARAL, 2007, p. 03). O termo sexualidade está para além da associação direta com a prática sexual, o conceito de sexualidade é amplo e inclui diversas variáveis como fatores biológicos, psicológicos, socioculturais e políticos.

A sexualidade é experienciada e manifesta por meio de fantasias, pensamentos, comportamentos, em papéis e através de relacionamentos, no entanto, apesar da sexualidade ser capaz de incluir todas essas dimensões, nem todas chegaram necessariamente a ser experienciadas ou expressadas pelo indivíduo (*WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002 apud AMARAL 2007*).

As teorias psicológicas se limitavam a apresentar dicotomias entre os aspectos naturais e genéticos e os aspectos exclusivamente contextuais (LENER; STEINBERG, 2009). Na contemporaneidade, percebe-se o predomínio de teorias que contemplam os aspectos relacionais, a plasticidade e a diversidade na tentativa de se compreender o desenvolvimento humano.

Desta forma, a mídia é um elemento importante dentro de uma sociedade e o que ela transmite pode exercer grande influência na construção da identidade. Este tema será melhor discutido a seguir.

MÍDIA E A TECNOLOGIA DE GÊNERO

A propaganda direcionada ao público feminino infantil na sociedade contemporânea é assunto constante no meio político, educacional, social e nas relações de gênero, de classe e raça (ZANELLO, 2018). Através do intermédio da família, as crianças constituem uma compreensão das mensagens midiáticas a seu modo, de acordo com Silva e Pedrosa (2020) citando Lima (2010), indicam que a mídia pode ser

compreendida como o conjunto de meios tecnológicos que integram diversas instituições com a finalidade de possibilitar a comunicação humana, dentro de tal conjunto se fazem presentes as emissoras de televisão e de rádio, internet, revistas, jornais e as demais possíveis organizações que tenha recursos tecnológicos à serviço de atingir o grande público.

A mídia torna-se pertinente a tal ponto de ocupar o lugar das instituições (família, escola) quando fornece elementos constituidores da identidade capazes de estimular crianças a despertarem para o campo da erotização, através de valores, comportamentos, danças, propagandas e roupas (FERREIRA, 2007, *apud* SILVA; D'AGOSTINI; SCHLOSSER, 2019). A inspiração geralmente vem da admiração por ídolos, que costumam ser personagens de desenho animado, artistas ou esportistas da mídia de massa, ou simplesmente, da maneira como os adultos à sua volta se comportam (CARDOSO *et al.*, 2005).

Guizzo e Beck (2011) relatam que a televisão surgiu por volta dos anos 50 no Brasil, e ainda hoje é um dos entretenimentos favoritos da nação, principalmente porque a televisão é acessível financeiramente, e, portanto, está inserida nos diferentes meios sociais, bem como nas opostas faixas etárias (SILVA *et al.*, 2019).

Um exemplo sobre a influência da mídia em relação às meninas, pode ser observado em especial na boneca Barbie, que surgiu na década de 1950 no contexto do imaginário burguês pós-guerra. Barbie representava o oposto do estereótipo da dona de casa americana, era a fantasia de como a “mulher moderna” deveria ser e se comportar (GERBER, 2009), os fundadores da empresa *Mattel*, tiveram como inspiração uma boneca alemã para o público adulto chamada *Bild Lili*, outras mulheres da época serviram de inspiração para a imagem da boneca, atrizes como Grace Kelly, Marilyn Monroe, Brigitte Bardot, a boneca com corpo de adulta constituiu um rompimento dos costumes e promoveu uma inovação no universo infantil da época.

Para Fernanda Roveri (2012) a boneca *Barbie* é midiaticamente um dispositivo pedagógico, pois ela traz consigo o modelo de feminilidade da sociedade contemporânea, ensina meninas a consumirem moda e beleza, e alimenta a valorização da estética e busca pelo corpo perfeito que principalmente se reflete no corpo das mulheres adultas nos dias atuais.

Segundo Teresa Lauretis (1984), o termo "gênero" surgiu da necessidade de romper com o determinismo que marcava uma simbologia entre homem e mulher, atrelado à diferença dos órgãos genitais e revelou o caráter cultural da construção desse

pensamento e seus inúmeros impactos. O sujeito é formado no gênero não apenas pela diferença sexual, mas sim através de códigos linguísticos e representações culturais. Partindo desse ponto, a tecnologia de gênero se revela como representação e autorrepresentação, produto de diferentes tecnologias sociais, como exemplos contemporâneos podemos citar as mídias: música, filmes, desenhos, séries, novelas ou propagandas (ZANELLO, 2018).

Essas performances seriam repassadas/reafirmadas como forma de microfísica de poder (FOUCAULT, 1996), no sentido não apenas representativo dos valores de gênero, mas de criá-los e reafirmá-los. Assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas sim produtos de discursos e práticas institucionalizadas, uma complexa tecnologia política, um conjunto de comportamentos e relações sociais.

Nesse sentido, personagens da ficção passam a se constituir como ideal de corpo, gênero e sexualidade a ser seguido pelo público feminino, a tecnologia de gênero é, portanto, produzida e reproduzida a partir das mais diversas tecnologias sociais. São práticas institucionalizadas com o objetivo de promover o engajamento dos sujeitos em modelos socialmente desejáveis, um movimento constante de internalizar normas sociais e/ou culturais, e promover a repetição de atos/performances (LAURETIS, 1984).

O PAPEL DOS DISPOSITIVOS DE PROTEÇÃO

Michel Foucault (1996) descreve o termo dispositivo como: um conjunto de práticas, discursos, instituições, organizações arquitetônicas, leis, decisões regulamentares, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Pensando nisso, na sociedade contemporânea, a mídia e outras manifestações culturais criam modelos de conduta e expõem valores de inclusão ou exclusão de um determinado grupo, portanto, exercem um papel na constituição subjetiva de sujeitos em nossa cultura.

Crianças e adolescentes são expostos aos avanços das tecnologias sem a devida supervisão de seus responsáveis e se tornam cada vez mais familiarizados com o ato de consumir produtos/serviços com apelo erótico/sensual (BREI; GARCIA; STREHLAU, 2011). Conceitualmente, de acordo com o dicionário Aurélio o termo erotização consiste no "ato ou efeito de erotizar", pensando no processo histórico-cultural "como tantas

outras, a história da erotização infantil é daquelas em que não se consegue delimitar um início, um meio e, muito menos, um fim." (GUIZZO; BECK, 2011).

Araújo (2016) relata que é comum ver em músicas e na televisão crianças sendo colocadas em situação com forte apelo sexual na forma verbal, ou na forma não verbal, sendo tratadas como símbolo sexual, e na maioria das vezes, não são capazes de diferenciar os benefícios e os perigos das informações transmitidas. Quando o indivíduo é exposto desta forma erotizada ele perde o seu direito previsto de crescer com dignidade e de simplesmente ser uma criança, com brincadeiras e percepções adequadas à sua faixa etária.

Pensando nisto, medidas protetivas-punitivas foram criadas buscando a proteção infanto-juvenil. Estas são aplicadas através de pedido judicial, com interseção do Conselho Tutelar. Quando pais ou responsáveis, sujeitam menores a excessos, o Art. 130 do ECA prevê que: "Verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsável, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum.". Por isso, os responsáveis devem estar atentos aos riscos físicos e psicológicos que as crianças estão sujeitas em cada fase do desenvolvimento e da necessidade de analisar as tecnologias que as envolvem no seu processo de socialização.

OBJETIVOS

O presente trabalho, tem como objetivo geral produzir uma revisão integrativa de literatura sobre a exposição precoce do público infantil feminino aos conteúdos midiáticos erotizados. Os objetivos específicos visam sistematizar artigos publicados nos últimos cinco anos, que abordem a temática da exposição precoce de crianças do gênero feminino à conteúdos erotizados; identificar a identidade de gênero dos autores que abordam a temática e caracterizar os métodos de estudo acerca da erotização infantil.

MÉTODOS

Adotou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, mediante uso da Revisão Integrativa, por entender que essa abordagem é uma técnica de coleta de dados, codificação e análise com o intuito de compreender através dos estudos os fenômenos da pesquisa (SOARES *et al*, 2014).

Como modalidade de pesquisa foi escolhida a Revisão Integrativa, pois ela tem como finalidade agrupar, sintetizar e analisar resultados alcançados em pesquisas sobre um tema ou questão. Ela é uma abordagem mais ampla referente às revisões, e permite ao pesquisador a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para a compreensão inteira do fenômeno analisado, além disso, a revisão integrativa tem o propósito de interconectar elementos isolados de estudos já existentes que investigam problemas idênticos ou similares (KIRKVOLD, 1995).

A realização da Coleta de Dados ocorreu por meio de uma pesquisa em bases de dados científicos online: Google Acadêmico, Scielo e PePSIC. As palavras-chave utilizadas na busca foram: erotização precoce, mídia, meninas e gênero feminino. Foram considerados artigos publicados entre o intervalo de janeiro de 2018 a agosto de 2022. O processo de seleção ocorreu por meio de triagem preliminar dada pela leitura dos seus resumos. Aqueles selecionados, posteriormente foram discutidos e, em confirmada a adequação dos mesmos ao trabalho proposto, foram então escolhidos.

Na parte da análise dos dados coletados, o trabalho deu-se a partir das seis fases propostas por Souza, Silva e Carvalho (2010), sendo elas: 1ª fase a elaboração da pergunta norteadora; 2ª fase a busca ou amostragem na literatura; 3ª fase a coleta de dados; 4ª fase a análise crítica dos estudos incluídos; 5ª fase é a discussão dos resultados; e 6ª fase se trata da apresentação da revisão integrativa.

Foram utilizados os seguintes critérios para inclusão: artigos publicados entre os anos de janeiro de 2018 a agosto de 2022, correspondendo desta forma ao período de cinco anos e, dentre esse espaço de tempo proposto, foram selecionados os artigos que apresentassem como temática a exposição precoce com o recorte de gênero feminino bem como a discussão acerca das estratégias utilizadas por parte da mídia.

Os critérios de exclusão foram: os artigos que não estivessem no período proposto de cinco anos; aqueles que tratam as crianças de forma generalista, não apresentando um recorte de gênero; os artigos que não relacionassem a mídia com a exposição precoce a conteúdos erotizados e artigos de revisão de literatura.

Para categorização dos dados adaptou-se de Costa (2017) um instrumento de análise que contém as seguintes informações: títulos/autores/ano, objetivo e metodologia, resultados e conclusão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A coleta de dados foi realizada entre os dias 15 de setembro de 2022 à 21 de setembro de 2022, nas plataformas Google Acadêmico, Scielo e PePSIC, seguindo o uso das palavras chave “erotização”, “precoce”, “mídia” e “gênero”, bem como o uso de operadores booleanos. No entanto, tendo em vista a escassez acerca da temática, nenhum artigo foi encontrado nas plataformas Scielo e PePSIC, dessa forma, foram encontrados artigos apenas na plataforma do Google Acadêmico com a utilização das palavras-chave “erotização precoce” e “mídia”.

Foram identificados 889 estudos que tratavam de maneira indireta ou direta sobre o tema. Após filtragem ocorreu a exclusão dos trabalhos que não correspondiam à problematização do tema, para uma melhor fundamentação do tratamento dos dados. Os artigos que foram selecionados por se enquadrarem nos critérios estabelecidos foram os que apresentaram um recorte de gênero e expuseram a relação entre mídia e erotização precoce. Ao final, restaram apenas 5 publicações viáveis para a compreensão crítica e reflexiva do tema.

Na tabela 1 apresentam-se os resultados referentes ao quantitativo de artigos encontrados e de artigos selecionados. No ano de 2018 foram identificados 221 artigos, onde destes, nenhum foi selecionado. No ano de 2019 foram identificados 227 artigos, onde foram selecionados 2 (dois). No ano de 2020 foram identificados 177 artigos e 2 (dois) foram selecionados para esta pesquisa. Em 2021 foram identificados 178, destes, um total de 0 (zero) foram selecionados e por fim em 2022 até o mês de agosto, foram identificados 86 artigos com o uso das palavras-chave, e 1 (um), foi selecionado. O produto da seleção apresenta-se a seguir, através da Tabela 1:

Tabela 1. Quantitativo de artigos encontrados e selecionados na busca literária na plataforma Google Acadêmico sobre a relação da mídia na erotização precoce de corpos femininos.

Fontes da Pesquisa	Jan/2018	2019	2020	2021	Ago/2022	Total
Artigos Encontrados	221	227	177	178	86	889
Artigos Selecionados	0	2	2	0	1	5

Fonte: Google Acadêmico - Autores (2018-2022).

A partir da análise do quantitativo de artigos selecionados, foi percebida a escassez de estudos que abordem a temática com enfoque no gênero feminino.

Discorrendo sobre o que foi percebido nos estudos coletados, afirma-se, sobre o tema proposto do trabalho, que as construções identitárias de gênero começaram desde muito cedo. De acordo com Mentz (2020), no caso dos indivíduos do gênero feminino, é possível perceber a dupla imposição que se contrapõem: por um lado, as mulheres são convidadas a serem meigas e delicadas, por outro, meninas muito pequenas são enquadradas em comportamentos e vestimentas de mulheres adultas. A erotização precoce das meninas e a fetichização por mulheres que parecem mocinhas é naturalizada através de canções, publicações jornalísticas, coleções de moda, etc. Apoiando em um dos estudos selecionados para a construção desta pesquisa, Mentz (2020) traz que, na mesma medida em que a sociedade faz leis para proteger a infância e adolescência, há também a espetacularização e precoce sexualidade dos corpos das crianças.

Quando se trata da exposição midiática, especificamente em relação ao público infantil feminino, nos dias atuais observa-se que as publicidades, na intenção de ampliar seu público consumidor, acabam inserindo muito precocemente os jovens. Como exemplo pode-se citar o comércio de roupas, cosméticos, música, programas televisivos, etc. Esta prática faz com que as crianças sejam inseridas cedo no universo de consumismo imposto pela economia capitalista que, voltada para esse público jovem, quer gerar potenciais consumidores, conscientes ou não.

As propagandas podem induzir nas crianças comportamentos que remetem à sensualidade ou à sexualidade. Apresentá-los com roupas curtas, mostrar suas roupas íntimas, usar salto muito alto ou fazer poses supostamente sensuais aumenta sua fragilidade. Isso porque, se as crianças tendem a copiar o comportamento que lhes é apresentado, e se na publicidade esta é a imagem passada, é razoável afirmar que estas crianças também tenderão a copiá-las. Oliveira *et al.* (2020), em sua obra reforça essa conclusão:

As representações sobre sexualidade, corpo e gênero, veiculadas em especial pela mídia, têm subjetivado não só adultos, homens e mulheres, mas também têm trabalhado minuciosamente para a formação das identidades infantis e juvenis nos nossos dias. Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, em jornais, revistas, propagandas, outdoors, e, mais recentemente, com o uso da internet, tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos

corpos e da sexualidade (FELIPE; GUIZZO, 2003, p. 128). citado por (OLIVEIRA; SILVA; PASCHOAL, 2020).

Prosseguindo, abaixo apresentam-se os estudos que foram encontrados para a elaboração deste trabalho e, é importante afirmar que todos os estudos partilham da linha de investigação apresentada nesta pesquisa. Assim, para que o futuro leitor possa compreender, foram apresentados os eixos de interesse de cada trabalho analisado, desde o título até a sua conclusão. A seguir o Quadro 1, onde se apresentam os estudos que se molduram no recorte proposto para a pesquisa, ou seja, gênero feminino e a relação de erotização precoce.

Quadro 1. Resultado da seleção de artigos sobre a relação da mídia na erotização precoce de corpos femininos.

Títulos/ Autores/ Ano/ Área Acadêmica	Objetivo e Metodologia	Foco de discussão	Resultados e Conclusão
A objetificação da mulher e a erotização precoce de crianças e adolescentes meninas: análise da paródia “vai baranga” de MC Melody? (BOLSON; RICHTER, 2019) Direito	Analisar a música “Vai Baranga” da cantora Mc Melody, interpretando seu clipe sob a ótica do machismo. Método – estruturalista	A relação entre a objetificação, que pode levar a erotização, com a intenção de manutenção do sistema machista e capitalista.	Demonstra uma das muitas possibilidades de interpretação da música exposta, relatando o machismo e a objetificação. Portanto, é possível perceber que ainda existem lacunas no campo da proteção de crianças e adolescente
Mc Melody e Mc Brinquedo: infância e gênero nas narrativas dos funkeiros mirins no YouTube. (MONTEIRO; MAROPÔ; SAMPAIO, 2019) Ciências Sociais	Analisar de forma comparada a performance no YouTube de Mc Medoly e Mc Brinquedo, bem como as diferenças de gênero que evidenciam em suas narrativas e na forma como são vistos pela audiência Método – Exploratório	Os papéis de gênero, que servem ao sistema mercadológico e que são interpostos pela mídia, levando a erotização precoce.	Encontra-se inúmeras referências diretas ao ato sexual. Os papéis de gênero celebrados nos vídeos são inequívocos, pois o menino é associado a riqueza e poder, e a menina o domínio advém do corpo, da condição de ser “novinha”.
Recortes da feminilidade pedofilizada nos produtos midiáticos como manifestações culturais. (MENTZ, 2020). Jornalismo	Apresentar brevemente sobre o conceito de pedofilização e exemplos que explanam sobre. E refletir como o universo infantil é usado como fetiche	A erotização precoce por meio do mundo publicitário, a autora também traz o conceito de pedofilização.	Percebe-se no artigo que o mundo publicitário expõe meninas a identificação de gênero em personagens que expressam sensualidade e

	para ilustrar a representação de mulheres tanto adultas quanto crianças.		comportamentos que as aproximam do mundo adulto. Por fim, a pesquisa apresenta os altos índices de violência sexual, psicológica e física contra mulheres e meninas, índices que figuram as pesquisas desde muito tempo.
Os lugares da infância nos editoriais de moda: uma análise sobre a adultização da criança na sociedade do consumo (OLIVEIRA; SILVA; PASCHOAL, 2020). Pós-doutorado em Educação Design de Moda	Analisar criticamente as concepções de criança nos editoriais de moda, e avaliar sua contribuição para o desenvolvimento precoce da “adultização” do consumidor infantil. Método – Pesquisa documental	O processo de adultização através da influência midiática por meio de editoriais de moda.	Acredita-se que os discursos dos editoriais de moda infantil ditam padrões de beleza e de comportamentos semelhantes ao mundo adulto, principalmente em relação às roupas, acessórios, padrões estéticos e aos meios de consumo.
Influência das mídias sociais no processo de erotização infantil: fator determinante para um processo precoce da adultização? (SAMPAIO; CARVALHO; NASCIMENTO; FERREIRA, 2022). Psicologia	Tem como objetivo geral verificar a contribuição da mídia na construção erotizada da imagem do corpo feminino infantil. Método - Hipotético-dedutivo.	O processo de erotização que leva a uma adultização através da influência midiática.	Foi possível perceber que de fato há uma influência midiática em um modelo inadequado a condição da infância e adolescência e que isso acontece, devido a um processo de adultização para que se vejam como veículos de consumo e pertencentes de um grupo social maior, assim como garantindo que se tornem consumidores ávidos no futuro.

A partir do que foi exposto no Quadro 1, nota-se que alguns dos artigos selecionados não apresentam a sua metodologia evidenciada de forma clara ao leitor, e pensando nisso Rodrigues (2006, p.19) aduz que “[...] a metodologia científica consiste no estudo, na geração e na verificação dos métodos, das técnicas e dos processos utilizados na investigação e resolução de problemas, com vistas ao desenvolvimento do conhecimento científico.”. Fator esse importante quando se pensa na cientificidade dos artigos que, necessariamente, devem atender as etapas da pesquisa científica e na acessibilidade para que o leitor seja capaz de entender tal processo.

A seleção dos artigos filtrados demonstra o exercício da erotização precoce de meninas nos diversos canais midiáticos possíveis, sejam eles através de vídeos na

plataforma *YouTube*, obras de artes, letras de músicas, programas televisivos e de campanhas publicitárias dos quais expõem os corpos infantis de forma adultizada, ou até mesmo simulam comportamentos inapropriados. Os artigos selecionados fazem o uso das terminologias “erotizar” e “adultizar”, portanto, cabe ressaltar que de acordo com Sampaio; Carvalho; Nascimento e Ferreira (2022) compreende-se que: “Erotização pode ser considerada o ato ou efeito de erotizar-se, enquanto a adultização seria um processo de antecipar o fim da infância”.

EROTIZAÇÃO E PEDOFILIZAÇÃO

No Quadro 1, nos artigos: *A objetificação da mulher e a erotização precoce de crianças e adolescentes meninas: análise da paródia “vai baranga” de MC Melody?* (BOLSON; RICHTER, 2019), *Mc Melody e Mc Brinquedo: infância e gênero nas narrativas dos funkeiros mirins no YouTube* (MONTEIRO; MAROPÔ; SAMPAIO, 2019), e *Recortes da feminilidade pedofilizada nos produtos midiáticos como manifestações culturais* (MENTZ, 2020), nota-se uma relação entre a exposição do público infantil feminino de forma erotizada na mídia e também à pedofilização desses corpos.

O primeiro artigo citado no quadro, aborda a questão da objetificação da criança menina na paródia “*Vai baranga*” da Mc Melody. Percebe-se que a exposição da imagem da mulher na publicidade é por vezes distorcida para que se aponte exclusivamente a ótica do erotismo. Teles (2003), afirma que a imagem feminina era tão somente vinculada ao sexy, sensual, bonita, direcionando o “ser feminino” como se um objeto fosse, isso também reflete no mercado da pornografia feminina, de forma que, são comercializadas filmagens de relações sexuais que objetificam e as tratam de forma pejorativa. Outro ponto, é que disponibilidade generalizada desses conteúdos prepara os jovens para aceitar a prostituição e a objetificação de corpos femininos. Como consequência, pode-se reconhecer a erotização precoce infantil exposto na mídia retratado na paródia de Mc Melody como um problema da sociedade contemporânea.

Na sequência, as autoras Bolson e Richter (2019) analisam como o uso da palavra “novinha” junto de narrativas de práticas sexuais nas letras de funk que naturalizam a erotização precoce de meninas. Nota-se que essas narrativas transformam meninas em objeto de desejo de meninos, desde àqueles que aparentam ter a sua idade, ou até visivelmente mais velhos, assim retratados no videoclipe da MC. Nas redes sociais, as

crianças se tornam ainda mais vulneráveis em relação à sua proteção e segurança. Como exemplo, o Ministério Público do Trabalho no ano de 2015, gerou uma investigação nas redes sociais da cantora, pois a mesma passou a sofrer com comentários pedófilos. Na época o genitor expunha a filha de forma sensual em vídeos e fotos, conteúdos que transmitem e reproduzem a erotização de meninas descritas como ingênuas e sedutoras. A pedofilização seria esse processo de erotização da infância, evidenciada a partir de questões sociais, culturais e políticas-econômicas, são retratadas no cotidiano, e se tornam cada vez mais presentes nas mídias, possibilitadas pelo acesso à internet. (STEINBERG, 1997; POSTMAN, 1998; CORAZZA, 2002, *apud*, FELIPE, & GUIZZO, 2003). A mídia se aproveita da inaptidão de julgamento e inexperiência das crianças, para garantir a monetização das suas atividades sem sequer pensar sobre os níveis de segurança online de seus usuários.

O segundo artigo do quadro, discute as narrativas audiovisuais dos funkeiros mirins MC Melody e MC Brinquedo no *YouTube* (MONTEIRO; MAROPÔ; SAMPAIO, 2019), o que se ressalta neste trabalho é como a diferença de gênero expõe uma desigualdade que implica na denúncia da sexualidade precoce especificamente de meninas funkeiras, enquanto, nos meninos são apontadas outras características positivas, que apoiam comportamentos erotizados. Na análise, as autoras não encontraram nenhuma crítica sobre a erotização das letras e performances de MC Brinquedo, apesar de falar de forma explícita e com expressões consideradas de baixo calão sobre sexo; enquanto nos vídeos de Melody, existem diversas críticas sobre a sexualização de seu corpo, ou através da desaprovação dos vídeos o público revela um discurso de ódio dirigido à cantora. Nota-se então, que jovens sem recursos como MC Brinquedo e MC Melody, são atraídos juntamente com suas famílias, a buscar através da indústria do Funk certa ascensão social, e apesar de partilharem uma cultura digital relativamente comum, vivem infâncias muito diferenciadas e fortemente condicionadas pela cultura machista.

O terceiro artigo apresentado no quadro, discute a espetacularização da erotização infantil, sob os aspectos da pedofilização de meninas e mulheres, ao observar propagandas e outros produtos midiáticos, que se utilizam de imagens de crianças. De acordo com a autora (MENTZ, 2020), existe uma dupla imposição que se contrapõe em: mulheres serem convidadas a se comportarem como meigas e delicadas, enquanto meninas pequenas, são induzidas a comportamentos e vestimentas de mulheres adultas, no que resulta na erotização precoce das meninas e na fetichização por mulheres que pareçam mais novas. A autora apresenta o conceito de Felipe (2003) sobre a

pedofilização, como uma forma de violência emocional praticada contra mulheres e meninas, medindo a valia e qualidade dessas pessoas através de seus corpos altamente erotizados na sociedade contemporânea.

A autora observa dados da Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República, divulgados no balanço dos atendimentos realizados de janeiro a outubro de 2015, percebeu que grande parte das vítimas de violência são mulheres. Em relação às denúncias de violações de direitos de crianças e adolescentes, entre os principais fatores que incidem diretamente sobre o problema e contribuem para a vulnerabilidade dos indivíduos do gênero feminino estão, as questões de inclusão e desigualdade social por motivos financeiros, étnicos e de gênero.

Também foi notado que no perfil das vítimas em 2014, 47% são meninas, 38% meninos, enquanto 15% o gênero não foi informado no momento da denúncia, e ainda de acordo com os dados do SDH/PR entre os 13 tipos de violência registradas, a violência sexual ocupa o 4º lugar com 25% dos casos (MENTZ, 2020). Percebe-se então que a questão do gênero está diretamente ligada a violência desses indivíduos, tendo em vista que as meninas são as que sofrem mais violência.

ADULTIZAÇÃO E CONSUMO

Foram analisados separadamente os artigos que apresentavam o termo adultização, e o que os mesmos apresentam em relação às técnicas de exposição midiática que podem levar a uma adultização, os artigos selecionados que se utilizam destes conceitos foram: *Os lugares da infância nos editoriais de moda: uma análise sobre a adultização da criança na sociedade do consumo*. (OLIVEIRA; SILVA; PASCHOAL, 2020) e *Influência das mídias sociais no processo de erotização infantil: fator determinante para um processo precoce da adultização?* (SAMPAIO; CARVALHO; NASCIMENTO; FERREIRA, 2022). Os artigos mencionados apresentam ao leitor as estratégias da mídia que contribuem com a sociedade de consumo, técnicas estas ligadas ao modelo econômico capitalista. A partir disto, um dos estudos selecionados, (OLIVEIRA; SILVA; PASCHOAL, 2020) traz que neste modelo econômico, do capitalismo, as crianças tornam-se um público-alvo cobiçado por serem consumidores em potencial, e que desde muito cedo são iniciadas na prática do consumo para dar continuidade a esse modelo.

Sendo essas crianças consumidores em potencial, as autoras (OLIVEIRA; SILVA; PASCHOAL, 2020, p. 04, e p.08) apontam que “houve uma naturalização do fenômeno da adultização das crianças retratadas pela publicidade ao oferecer produtos de moda, desconsiderando as peculiaridades da infância e os modos de ser da criança.”, e ainda trazem que “os veículos de marketing das empresas, refletem em seus discursos um conceito de criança-adulta, através de comportamentos e posturas de adultos.”. Fenômeno este que acarreta na pedofilização por intermédio dos meios de comunicação. O conceito de pedofilização utilizado neste artigo, consiste no ato de colocar as meninas como objeto de consumo, já que nos editoriais analisados, elas são expostas a atitudes que não condizem com a sua faixa etária.

O segundo estudo selecionado discute a mercantilização do infantil. Os autores fazem o uso do termo erotização para explicar a adultização por meio da sociedade de consumo. Sampaio; Carvalho; Nascimento e Ferreira (2022, p. 05), citando Leal (1999) afirmam que “o corpo infanto-juvenil é um produto do mercado globalizado do sexo que utiliza o marketing e a publicidade para divulgar uma lógica de hiper erotização do corpo feminino, fortalecendo perspectivas de submissão e desqualificação da mulher.”. Para os autores do referido estudo, meninas se comportam atendendo a um padrão adultizado devido às influências impostas por meio das mais diversas mídias, e que o processo de adultização pode acarretar com que etapas do desenvolvimento não sejam experienciadas, podendo gerar prejuízos no “desenvolvimento da estrutura psíquica; nas meninas, seria mais um reforçador da questão de idealização de um corpo perfeito e de padrões de beleza e até mesmo contribuir para violência sexual.” (CARVALHO et al., p. 06)

Em vista disso, percebe-se que um ponto em comum entre os artigos selecionados que tinham por foco a adultização, é de que o movimento feito em tempos passados de enxergar a criança como um “adulto em miniatura”, aos poucos retorna, por meio da sociedade de consumo e que para as meninas esse movimento leva a objetificação de seus corpos.

Foi percebido que entre os artigos selecionados todos possuem a autoria de mulheres, e que destes, apenas dois apresentam a autoria de homens em conjunto com mulheres. Foucault (1988) descreve as relações de poder como “relações entre sujeitos que possam resistir ao domínio do outro”. O que leva à reflexão de o porquê a discussão desta temática convier predominantemente ao interesse de autoras do gênero feminino e a quem servem as relações de poder.

Essas relações de poder são percebidas quando Gastaldo (2008, p. 04) traz: “Esse discurso, que supostamente está veiculado para vender produtos, ‘vende’ também relações de poder, que se apresentam como obviedades, como evidências, mas que fundamentam, reiteram e sustentam uma desigualdade fundamental.” Com isso a mídia perpetua estas relações de poder, sustentando essa desigualdade. Gastaldo (2008, p. 05) propõe que “Na medida em que tais relações são consideradas óbvias – quando na realidade elas absolutamente não são –, perpetua-se aí uma hegemonia.”

Por fim, repara-se que apenas um dos artigos selecionados faz uma relação direta entre as consequências dessa erotização precoce com a ciência da psicologia. Essa discussão foi constatada no artigo intitulado *Influência das mídias sociais no processo de erotização infantil: fator determinante para um processo precoce da adultização?* (SAMPAIO; CARVALHO; NASCIMENTO; FERREIRA, 2022), os autores deste artigo, afirmam que os impactos da erotização precoce podem constituir no encurtamento da infância e que, avançar essas etapas do desenvolvimento pode ocasionar um aumento de conteúdos pedofilizados que exponham essas meninas de forma erótica, podendo gerar transtornos psicológicos e/ou alimentares, pondo-as em risco às violências psicológica e física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o problema da pesquisa, em verificar qual a relação da mídia na erotização do corpo infantil feminino e os objetivos (geral e específicos), foram atendidos. De acordo com os estudos selecionados e dentro do recorte de gênero proposto, a concepção de infância se manifesta pela criança feminina adultizada, ou seja, a criança transvestida de adulto por meio da expressão corporal, do vestuário, do uso de acessórios e de maquiagem. Ao expor as crianças como protagonistas nas diferentes mídias de massa, sem respeitar os devidos mecanismos de proteção, a sociedade desconsidera as peculiaridades da infância. Essa naturalização leva meninas ao desejo de mimetizar mulheres adultas, cuja preocupação com os padrões estéticos relacionados ao corpo e ao consumo se tornam parte do cotidiano.

Nota-se que dos artigos selecionados, todos são de autoria de mulheres, e que destes, apenas dois possuíam autorias de homens em conjunto com essas autoras. Compreendida a relevância da temática, percebe-se pouco debate acadêmico,

principalmente pelos escritores homens em discutir sobre a relação da mídia na erotização do corpo infantil feminino.

Adiante, percebeu-se que a produção de estudos voltados para essa temática era escassa, o que gerou certa dificuldade na produção e fundamentação da discussão deste trabalho. Outro ponto notado foi de que os produtos científicos, que tratam da erotização e da adultização, generalizam o debate sem que haja o devido recorte de gênero. Tal recorte seria importante pois especialmente o gênero feminino está mais exposto a sofrer os maiores impactos psicológicos que podem ser decorrentes da erotização precoce. Daí a necessidade da psicologia, como uma ciência humana, fomentar esta discussão tendo em vista que este processo de objetificação por meio da erotização perpétua tipos de violências, a física e a psicológica.

Nessa perspectiva, a psicologia tem como compromisso buscar conhecer as permanências e as rupturas do sujeito, que consiste na identificação dos processos que fazem parte da organização de suas conexões, estudar os processos de mudança e movimento, e se posicionar de forma crítica a práticas interventivas ultrapassadas. Além disso, a psicologia pode contribuir na promoção de saberes atualizados sobre a erotização de corpos infantis, por compreender que a erotização compromete a formação identitária das crianças, e coloca em perigo sua segurança.

REFERÊNCIAS:

- ARAUJO, Lorena Silvestre. **A erotização infantil induzida pela mídia sob a análise do princípio da proteção integral da criança**. 2016.
- ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ALENCAR, E. **Análise do significado: roteiro de aula**. Mimeo, 2002.
- AMARAL, V. L. do. **Psicologia da educação: sexualidade**. RN: EDUFRN, 2007.
- BEZERRA LINS, Samuel Lincoln et al. **A compreensão da infância como construção sócio-histórica**. *CES Psicologia*, v. 7, p. 126-137, 2014.
- BOLSON, Gabriela; RICHTER, Daniela. **A objetificação da mulher e a erotização precoce de crianças e adolescentes meninas: análise da paródia “vai baranga” de Mc Melody?** Seminário Internacional de Direitos Humanos e Democracia, p. 18-18, 2018.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Edições Loyola, 2007.
- BREI, Vinicius Andrade; GARCIA, Luciana Burnett; STREHLAU, Suzane. **A influência do marketing na erotização precoce infantil feminina**. Teoria e Prática em Administração (TPA), v. 1, n. 1, p. 97-116, 2011.
- CARVALHO, Michele. **TV, estímulo precoce à sexualidade e adolescência**. *Obesidade*, v. 4571, p. 88, 2009.
- CIVIL, Casa. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília: Diário Oficial da União, 1990.
- CIVIL, Casa. Lei nº 11.829, de 25 de novembro de 2008. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília: Diário Oficial da União, 2008.
- CORSINO, Patrícia. **Pensando a infância e o direito de brincar. Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas**, v. 2, p. 12-24, 2008.
- DE OLIVEIRA, Marta Regina Furlan; DA SILVA, Larissa Delgado Bueno; PASCHOAL, Jaqueline Delgado. **Os lugares da infância nos editoriais de moda: uma análise sobre a adultização da criança na sociedade do consumo**. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, p. 1856-1872, 2020.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. **Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo**. *Proposições*, v. 14, n. 3, p. 119-130, 2003.

FERREIRA, AB de H. et al. **Dicionário da língua portuguesa**. 1986.

FONTES, Martins. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra, v. 2, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

GASTALDO, Édison. **Goffman e as relações de poder na vida cotidiana**. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 23, p. 149-153, 2008.

GERBER, Robin. **Barbie e Ruth: a história da mulher que criou a boneca mais famosa do mundo e fundou a maior empresa de brinquedos do século XX**. São Paulo: Ediouro, 2009.

GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada. **Corpo, gênero, erotização e embelezamento na infância**. *TEXTURA-Revista de Educação e Letras*, v. 13, n. 24, 2011.

KIRKVOLD, M. **Integrative nursing research**. In: 8ª Conferência Internacional de Investigação em Enfermagem, Lisboa, 1995.

LAURETIS, T. (1984). **A tecnologia do gênero**. In: **Hollanda, Heloísa Buarque. Tendências e Impasses - O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rosco.

LERNER, Richard M.; STEINBERG, Laurence. The scientific study of adolescent development. **Handbook of adolescent psychology**, v. 2, p. 1-12, 2004.

MENTZ, Marina. **Recortes da feminilidade pedofilizada nos produtos midiáticos como manifestações culturais**. *Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, v. 7, n. 14, p. 111-128, 2020.

MONTEIRO, Vanessa; MARÔPO, Lidia; SAMPAIO, Inês. **MC Melody e MC Brinquedo: infância e gênero nas narrativas dos funkeiros mirins no YouTube**. 2019.

ROVERI, F. T. **Barbie na educação de meninas: do rosa ao choque**. São Paulo: Annablume, 2012.

SAMPAIO, Evillyn O. *et al.* **Influência das mídias sociais no processo de erotização infantil: fator determinante para um processo precoce da adultização?** *Revista Eletrônica da Estácio Recife*, v. 8, n. 1, 2022.

SANTOS, José Luiz dos Santos. **O que é Cultura?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SILVA, S. S. M., PEDROSA A. K. **A influência das mídias na "adultização e erotização precoce" e seus impactos no desenvolvimento infantil**. UNIT - AL. 2020

SILVA, C. R. D. R., DEMARCO, T. T., D'Agostini, F. P., & Schlosser, A. **Erotização infantil no contexto midiático**. Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, 4 ed., 2019.

SOARES, Cassia Baldini et al. **Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 48, n. 2, p. 335-345, 2014.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 2020.